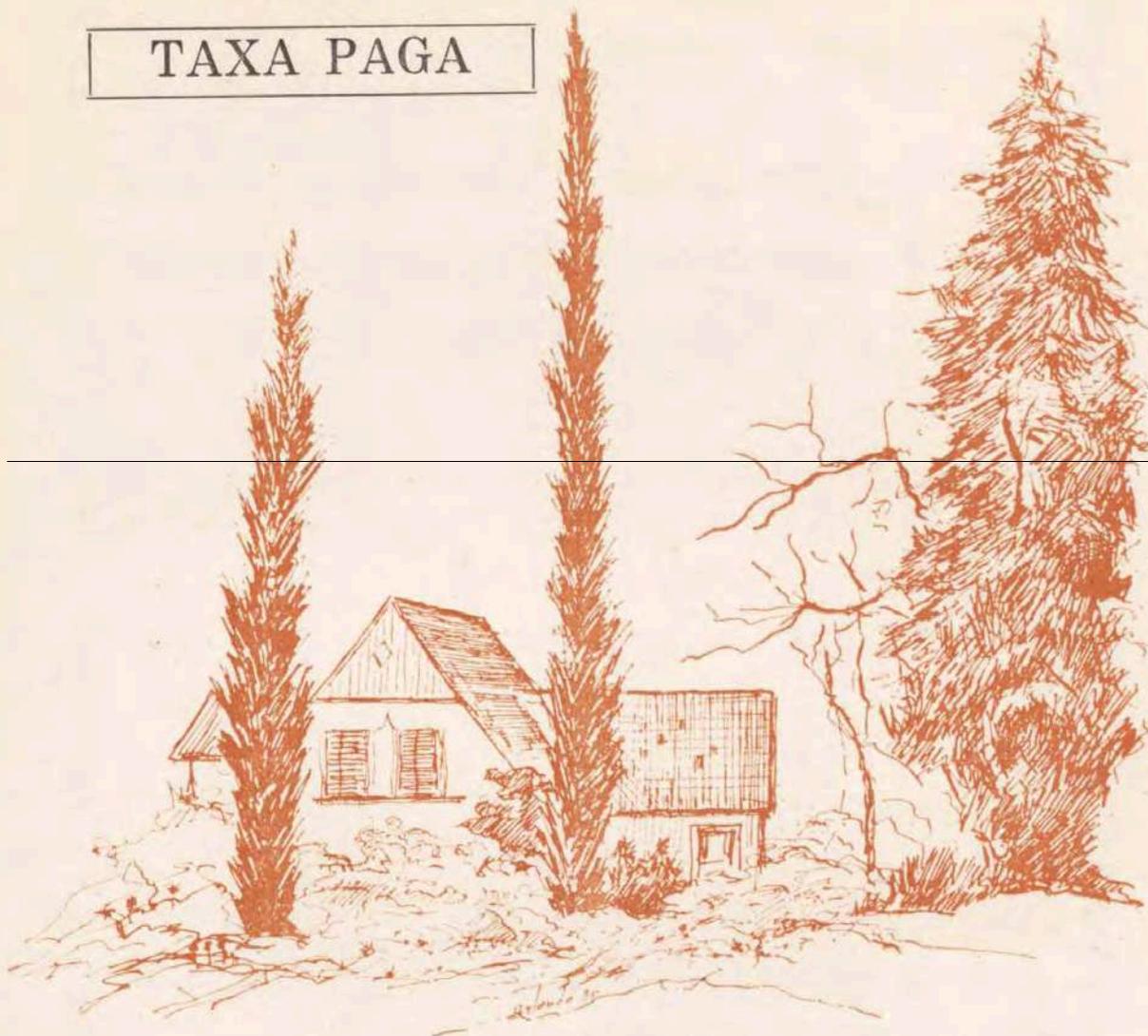


TAXA PAGA



Blumenau

em cadernos

TOMO XII ★ SETEMBRO DE 1971 ★ Nº. 9

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Blumenau

em Cadernos

TOMO XII

Setembro 1971

Nº. 9

A GRANDE FAMÍLIA TRINKS - PARUCKER

GUSTAVO KONDER

Dr. Karl Julius Ludolph Parucker nasceu em 2-12-1826 na localidade de Kloschwitz, na província de Saxônia, Alemanha. Terminou os seus estudos ginasiais em 19-9-1845, ingressando em seguida na Faculdade de Ciências Jurídicas em Leipzig, capital da Saxônia. Formou-se em 2-11-1853 e, por motivos políticos e também sentimentais, resolveu emigrar para o Brasil, sua nova pátria. Embarcou na barca "Emily", de uma companhia hamburguesa e desembarcou em São Francisco do Sul, em 6-10-1854 e, no dia seguinte, seguiu definitivamente para a Colônia Da. Francisca (Joinville), fundada em 1851 pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo.

Em 9-4-1855 casou com Pauline Amalie Marie Trinks, natural de Waldenburg, também da Saxônia, filha de Eduard Gustav Trinks e de Pauline Antonie Brohm.

Esta família emigrou em 23-9-1854. Os nubentes já se conheciam na Saxônia. Naturalizou-se brasileiro em 1856. Exerceu o cargo de professor de Annaburgo, antiga localidade da Colônia Da. Francisca, como lente de primeiras letras até 1861, quando se mudou para Destêrro (Florianópolis) para exercer a advocacia e, mais tarde, empregou-se no famoso Atheneu (escola superior), como professor de língua alemã e geografia. Retornando a Joinville, ocupou a vaga de funcionário da "Direktion da Hamburger Kolonisationsverein". Em 1864, foi nomeado tradutor oficial da Diretoria de Imigração no Rio de Janeiro. Voltou em 1870 para Joinville, trabalhando como advogado até 1874, quando foi convidado a ser procurador da Câmara Municipal. Em 1886 foi nomeado Coletor Imperial até a queda da Monarquia. Nos primórdios

da República voltou a ser professor de língua portuguesa e alemã. Com a idade de 72 anos (1898) foi eleito Juiz de Paz. Também ocupou diversas vezes o lugar de delegado de polícia. Ainda em 1875, supervisionou o recenseamento de Joinville.

Sempre trabalhou com honestidade e lealdade e por causa dos bons serviços, prestados á nova pátria, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a "Ordem da Rosa"

Aliado ao seu velho amigo Ottokar Doerfel e de outros intelectuais, êle era também um grande incentivador cultural e co-fundador da Sociedade Harmonia Lyra, escritor e jornalista. Como poeta amador, no gênero satírico-humorístico, escreveu muitas poesias, sonetos e poemas, publicados na imprensa joinvilense, em língua germânica. Faleceu em 12-4-1902 com a idade de 76 anos.

No Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, no palácio dos príncipes, existe uma grande fotografia de Karl J. L. Parucker com a sua comenda. A aludida medalha acha-se atualmente em poder de Da. Betty Parucker, residente em Teresopolis, estado do Rio de Janeiro, viuva de Eduard Carl Parucker, um dos netos do patriarca.

O casal Trinks-Parucker deixou uma grande próle de 14 filhos, sendo 7 homens e 7 mulheres, abaixo relacionados com os seus respectivos nomes de batismo:

- | | | |
|------------------------------|--|-----------|
| 1-Marie Friedericke Parucker | cas. c/Carl Ferdinand Malschitzky | c/10 fil; |
| 2-Sophie Pauline Parucker | " " Theodor Ferdinand Lauer | " 7 fil; |
| 3-Paul Friedrich Parucker | " " Louise Bauer | " 5 fil; |
| 4-Johanna Gertrud Parucker | " " Ernest Buck | " 1 fil; |
| 5-Richard Franz Parucker | " " Lina Diettrich | " 11 fil; |
| 6-Hedwig Elizabeth Parucker | " " Friedrich Emil Oswald Parucker | (ign); |
| 7-Otto Leonhardt Parucker | " " Louise Richlin | c/6 fil; |
| 8-Gustav Eduard Parucker | " " Sophie Uhmann | " 9 fil; |
| 9-Elise Dorothea Parucker | " " Felix Heinzelmann | " 3 fil; |
| 10-Carl Eduard Parucker | " " Louise Baumer | " 9 fil; |
| 11-Hermann Reinhard Parucker | " " Theolinda Machado (os descendentes moram em Botucatu, São Paulo) | |
| 12-Helena Charlotte Parucker | " " Louis Kumlehn | c/ 4 fil; |
| 13-Georg Bernhardt Parucker | " " Frieda Helena W. Lepper | " 7 fil; |
| 14-Pauline Mariane Parucker | " " Guido Wilhelm Kaestner | " 5 fil. |

Da presente lista de filhos, Richard Franz Parucker, 5º filho, casado com Lina Diettrich, e Pauline Mariane, 14ª. filha, casada com Gui-

do Wilhelm Kaestner, radicaram-se em Blumenau, onde também faleceram.

Dos onze descendentes de Richard F. Parucker, dez já faleceram e vive apenas a última: Da. Lina Pelzmann, de 79 anos, viúva de Joseph Pelzmann, recentemente falecido (19-3-1971). Este casal possui somente uma filha que reside na Alemanha. Chama-se Nora von Duesterlohe, viúva e mãe de um filho, Peter.

A filha mais velha de Richard F. Parucker, chamada Emmy, casada com o capitão da marinha mercante brasileira, Paulo Stein, em Itajai, era progenitora de Eva Stein Konder, minha segunda esposa, e de 3 filhos a saber: Kurt, Carlos e Felix Stein. Residiram sempre em Itajai.

O casal Pauline e Guido W. Kaestner foram os progenitores do saudoso Alfredo Kaesnter, que exerceu muitos anos o cargo de tesoureiro da Prefeitura Municipal de Blumenau, do cirurgião-dentista Guido Paulo Kaestner, pai de Ralph Kaestner, atual vice-prefeito de Blumenau. E ainda de Arno e Eugênio (falecido), além de Else K. Schmidt, viúva de Henrique Schmidt, recém falecido.

Também existe em Blumenau, na rua 15 de novembro, há mais de 25 anos, uma acreditada ourivesaria pertencente a Hellmuth Parucker, filho de Franz Hugo e de Wanda Parucker, residentes em Curitiba. É casado com Winn'gril Parucker e tem duas filhas Carmen, Denyse e uma neta Cynthia.

Menciono ainda os blumenauenses Theodoro Loewsky e os irmãos Peter, Erhard e Wahnfried Parucker, bisnetos do patrono da família.

A revista "Blumenau em Cadernos", tomo X, nr. 5 (1969) publicou um manuscrito intitulado "Uma viagem de Joinvile a Blumenau em 1903", feito pelo sr. Carlos Ficker, autor da "História de Joinvile", e onde encontrei o seguinte trecho interessante:- "Visitamos também o sr. Richard F. Parucker, em Altona (hoje Itoupava Sêca). Em sua casa, a senhorita Emmy, filha do sr. Parucker, verdadeiro mimo de menina loura nos deliciou com maviosos acordes de uma cítara e de sua voz magnificamente timbrada".

Devo explicar ainda que Richard F. Parucker instalou em Altona (Itoupava Sêca) a primeira bem montada funilaria e, quando o Dr. Bonifácio Cunha foi eleito prefeito de Blumenau (1890 /92) foi convidado a assumir o lugar de tesoureiro da Prefeitura, cargo que renunciou em 7-4-1892, em virtude da deposição do prefeito pela revolução federalista.

Richard Franz Parucker foi um dos co-fundadores do clube "Teutonia" (em 1904), atual C.E.R. Ipiranga, e o clube de bolão "Vollmond"; do teatro amador e do primeiro clube de canto masculino. Tocava muito bem o violino e todos os seus filhos aprenderam a tocar um instrumento musical, formando assim uma orquestra que na época se chamava de "Hauskapelle".

Para consternação geral, faleceu em 1908, com apenas 44 anos de idade, deixando sua viúva com 9 filhos, quase todos menores. A sua morte foi muito sentida.

Mais tarde radicou-se, igualmente em Blumenau, uma das

netas do patriarca Dr. Karl J. L. Parucker, de nome Martha Parucker, viuva de Leopold Mueller. É progenitora do popular político e desportista sr. Edgar Mueller e do industrial sr. Harry Mueller.

Digna de nota foi a festa comemorativa do centenário da chegada da família Trinks-Parucker ao Brasil, festejada a 23 de setembro de 1954 em Joinville. Com a presença de 400 membros da família (afóra inumeros ausentes). O programa foi o seguinte:-As 8 horas da manhã uma marcha ao som de uma banda de música (composta só de familiares) ao Monumento do Imigrante e ao cemitério, onde foram depositadas corôas de flôres e onde o Rev^o. Pastor Mueller pronunciou um comovente sermão. Às 20 horas houve um grande banquete na Sociedade Harmonia Lyra. As compridas mesas, em forma de E, estavam ricamente enfeitadas com samambaias, flôres e luzes coloridas, tendo ao lado de cada talher, um minuscuro berço de papelão azulado (símbolo de fertilidade).

Após o banquete, vários oradores discursaram e houve então a apresentação de todos os presentes pelo microfone. Em seguida a assinatura de todos no livro de ouro Até as criancinhas deixaram aí os seus nomes. Depois, no palco, encenaram peças alegóricas, alguns números de ballet, apresentados por lindas bailarinas. Foi tudo comovente e maravilhoso! Para encerrar a festa, com chave de ouro, realizou o grande baile familiar, o maior que aconteceu na história de Santa Catarina. O casal mais idoso abriu a polonaise. A orquestra também era composta, exclusivamente, por parentes, tendo ao piano o saudoso Max Parucker, recém-falecido em Joinville (4-12-1970) com 72 anos de idade.

Eu e a minha família tivémos a honra e a ventura de participar desta inesquecível festa.

Ao encerrar esta crônica quero deixar aqui o meu profundo agradecimento ao sr. Gustavo Parucker (neto do patriarca), residente em Joinville, pelas valiosas informações que me forneceu.

Em tempo:- Já havia escrito esta crônica quando faleceu, em 26 de agosto dêste ano, a Da. Lina Pelzmann, viuva de Joseph Pelzmann, com 79 anos de idade. Era a unica sobrevivente dos 11 filhos de Richard Franz Parucker e de sua esposa Lina Diettrich Parucker.



A parte da Serra Geral que corta o Estado de Santa Catarina de norte a sul, chega a ter, em alguns pontos, até 1900 metros de altitude. Em outros pontos, chega a distar da costa até 90 quilômetros, correndo, geralmente, junto ao litoral.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

XCXIX

“NOVA GERAÇÃO”

Como órgão de uma associação de jovens, o “Clube da Nova Geração”, foi editado, como número de estréia, uma revista de pequeno formato, (15,5 x 20,5cm) muito bem feita, impressa em várias cores, pela Tipografia Centenário Ltda. Tinha, em sua direção, Nilton Antonio Correia e Vinício Fiamoncini. Redatores: Dário Deschamps e Walmor Letzow. Capa, em silkscreen, desde último. 20 páginas de matéria muito interessante, incluindo além da apresentação, editorial, notas sociais, literatura, artes, cine-teatro, música, poesias e uma entrevista com o prefeito Hercílio Deecke. Este número especial de apresentação, nº 0, apareceu em dezembro de 1963. O número 1, aparecido em maio do ano seguinte, veio em formato maior, (21,5 x 25cm.) capa em silkscreen igualmente com 20 páginas. A edição seguinte, nº 2, data de julho de 1964, trazendo na capa a foto de Miss Blumenau e vários artigos e ilustrações. Tanto esse, como os seguintes, aparecem em formato maior: 24 x 30,5cm. O número 3, em dezembro de 1964, o 4 em junho de 1965 e, finalmente, o quinto e último em dezembro do mesmo ano. A terceira edição teve a orientação de Vinício Fiamoncini e Carlos Durieux, como diretores, estando a supervisão e a parte publicitária a cargo do prof. José Zanella. Imprensa feita pela editora Mercúrio Ltda. Apesar de na “A palavra da Redação” ter-se afirmado, em editorial, que «o dia 15 de dezembro marca o 2º ano de circulação, irregular, mas voltando e desejando ficar» e «que o próximo ano será de renovação. As crises mais difíceis foram vencidas», a «Nova Geração» cessou as suas atividades. Foi pena! Uma revista tão bem feita e bem escrita, bem que merecia vida bem longa e próspera.

C

«GAZETA PEBEANA»

De ligeiras desintelêgências entre a diretoria da União Blumenauense de Estudantes e um grupo de seus jovens associados, nasceu o Grêmio Estudantil Blumenauense. Pertenciam êsses jovens ao P. E. B. (Partido Estudantil Blumenanense), derrotado nas eleições de 1964 para a direção daquela União.

O Grêmio Estudantil Blumenauense decidiu, então, fundar um jornal que defendesse o ponto de vista e o programa com que haviam os seus componentes pleiteado a direção da UBE. Assim, surgiu á luz

da publicidade a «Gazeta Pebeana». No editorial, dizia a direção: «Após uma série de decepções para nós, inclusive com a própria política estudantil, aplicada pelos partidos contrários, não poderíamos compactuar com os trabalhos diretivos da UBE, ativamente. Firmou-se a nossa posição. Participaríamos da vida estudantil, não como diretores da UBE, mas sim como opositores atuantes. Participaremos de todos os conclaves estudantis, de tôdas as reuniões da entidade, pressionando construtiva e positivamente.» O primeiro número data de junho de 1964, no formato de 32 x 47 cm., com 6 páginas. Direção de Nelson Tomelin e redatoriado por Luiz Antônio Soares e L. José C. Brack. Impresso nas oficinas do «Lume». Jornal bem feito e bem redigido, com variada colaboração, desde críticas e piadas estudantis aos noticiários dos colégios da cidade, das atividades do Grêmio Estudantil, aos editoriais de maior profundidade, versando matéria de interesse geral, «Gazeta Pebeana» deveria ser de publicação mensal. Entretanto, o nº 2, só apareceu em setembro, ainda sob a mesma direção e redação. Do nº 3, distribuído em novembro, desaparece o nome de José Brack da redação. O nº 4, apareceu em dezembro, o 5º, em março do ano seguinte (1965). Com o número 8, de 12 páginas e comemorativo do Natal de 1965, aparece como diretor, ao lado de Nelson Tomelin, o estudante Maurício Coutinho, sem indicação de redatores. A redação ficava a cargo da diretoria do GEB, à frente da qual figurava Luiz Antônio Soares, como presidente. Maurício Coutinho é substituído por Heurival A. dos Santos. A parte literária, jornalística, perde muito com o desaparecimento de Luis Antônio Soares das colunas do jornal. Os editoriais ressentem-se de maior equilíbrio e correção de linguagem. Com o nº 11, de novembro de 1965, em que consta o nome de Audagio Gonçalves, substituindo Heurival Santos na direção, «Gazeta Pebeana» desaparece da arena jornalística.

CI

«BOLETIM MENSAL DO ROTARY CLUBE BLUMENAU-NORTE»

Começou a ser publicado em julho de 1964. Formato almanaque, mimeografado. Destinado, especialmente, à publicação das atas das reuniões semanais do Rotary Clube de Blumenau-Norte, com sede no Clube Desportivo e Recreativo Ipiranga, em Itoupava Sêca, bairro blumeuense. Foi publicado até julho de 1967. Aparecia, geralmente, com 6 a 10 páginas. Farto noticiário sobre as atividades do Rotary nesta cidade, em outras partes do Brasil e do mundo. O Arquivo Histórico de Blumenau possui a coleção desse periódico.

CII

«INFORMATIVO HERING»

Quando tratamos do «Radar Sul-Fabril», dissemos do acerto com que agem os estabelecimentos industriais, incentivando a criação de órgãos de imprensa, de distribuição entre os seus auxiliares e operários para uma melhor comunicação entre eles próprios e os seus di-

retores. A Companhia Hering, tradicional nos métodos justos e humanos com que trata o seu operariado, também lançou mão desse meio tão eficiente de bom entendimento. Assim é que em julho de 1964, a grande organização fabril incentivou a publicação, por parte da Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering, de uma folha mensal, intitulada "Informativo Hering". O primeiro número, com 8 páginas, e no formato 23,5 x 33cm., no seu artigo de apresentação, escreve: "Este pequeno jornal, que ora entregamos ao restrito público das Organizações Hering, não deve ser encarado pura e simplesmente, como um imperativo de ordem estatutária da Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering. Por isso que não foram as obrigações dos estatutos, o fator único para a publicação do "Informativo Hering". De longa data reclamava a nossa empresa um veículo de divulgação interna, através do qual, todo o quadro social tivesse o mais livre e franco acesso e que viesse, também, a ser mais um elo na cadeia imensa de benefícios que propicia a todos a Indústria Têxtil Companhia Hering".

Muito bem impresso, em oficinas da própria Empresa, o "Informativo", além de artigos de interesse geral, acolhe vasto noticiário social, desportivo, feminino etc. relacionado com os operários da Hering.

Com louvável regularidade e sempre melhorando a sua feição material e as várias secções da parte literária, o «Informativo Hering» foi publicado até 1967 quando, por razões que ignoramos, deixou de circular para reaparecer em julho de 1970, com novas roupagens e novas secções.

Contando com bons redatores, embora sem a divulgação de seus nomes, o «Informativo Hering», é bem escrito e elevado no seu noticiário e nos seus comentários. Atualmente é responsável pela redacção desse interessante mensário o Prof. Enéas Martins de Barros cujos conhecimentos do vernáculo e prática jornalística estão bem acima de quaisquer elogios que poderíamos aqui consignar.

CIII

«O VAGALUME»

Não conhecemos nenhum número desse jornalzinho que deve ter aparecido em novembro ou dezembro de 1965. Era órgão do Primeiro Científico do Colégio Normal Pedro II. Temos conhecimento dele através notícia estampada no nº 10, do «Estudante».



Os bispados de Joinville e Lajes foram criados em 17 de janeiro de 1927, ocasião em que a diocese de S. Catarina deixou de fazer parte da Província Eclesiástica de Porto Alegre.

NOTÍCIAS HISTÓRICAS DE RODEIO

Frei Benvindo DESTÉFANI

No ano de 1875, cento e quatorze famílias resolveram abandonar sua pátria, o Tirol Trentino, em procura de uma existência mais próspera na então província de Santa Catarina, Brasil.

Aquelas famílias estiveram radicadas nas comunas de Trento, de Rovereto, de Pérgine, de Civezzano, de Fornace, de Vigolo Vatarro, de Levico.

Esses intrépidos emigrantes, que partiam de suas pátrias num mixto de esperanças e de incertezas, levavam consigo poucos bens terrestres. Mas, em compensação, conduziam em seus peitos a luminosa fé cristã que lhes suavizaria os eventuais perigos, as prováveis vicissitudes que escondia em seu bojo tão arriscada empresa, tão problemática aventura.

A primeira turma, composta de vinte famílias, partiu de Trento pelos meados de maio do ano de 1875. Após três meses de longa e acidentada viagem, aportaram a Itajaí, no dia quinze de agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora.

A segunda turma, composta de trinta e quatro famílias, chegou ao porto de Itajaí aos quinze de setembro.

A terceira turma, composta de sessenta famílias, partiu de Trento em 28 de agosto, e, seguindo via Paris a Havre, embarcou, neste porto, no vapor Belgrano, chegando a Blumenau em 28 de outubro de 1875.

Os chefes de família de cada turma, á medida que vinham chegando a Blumenau, eram conduzidos pelo diretor da colonização, um tal Ferrarri, a Timbó, para daí em diante, vêrem e escolherem terras na floresta virgem.

Reservado o lote, os chefes de família voltaram a Blumenau para buscarem suas respectivas famílias.

Assim, pelos meados de novembro de 1875, as cento e quatorze famílias, emigradas do Tirol Trentino, ocuparam suas colônias, a começar do atual Timbó até ao atual Diamante, ás margens do rio Itajaí. Esta linha foi então dominada PICADA DE RODEIO.

Os primitivos colonos tirolêses iniciaram, imediatamente a der-

rubar as matas para poderem fazer roças e plantações. Imensos foram os sacrifícios de toda espécie que suportaram aquêles desbravadores das florestas virgens. Tinham de lutar contra tôdas as adversidades, comuns aos princípios de toda colonização incipiente.

A fé católica, todavia, prodigalisava-lhes necessária coragem para não desfalecerem em tão árdua tarefa, na luta titânica contra a natureza bravia, contra as serpentes, contra as fêras, contra os índios, contra as moléstias. A golpes de tenacidade, foram construindo suas moradias provisórias.

Como homenagem póstuma, daremos a seguir os principais nomes daqueles valorosos desbravadores das matas da PICADA DE RODEIO, destemidos pioneiros da futura colônia, os quais, entre outros, eram os seguintes: Giórgio e Beniamino Stulzer; Antonio Stolf; Bórtolo Franzói; Giácomo, Antônio, Agostino e Pietro Moser; Giácomo Moratelli; Luigi e Federico Negherbon; Giovanni Battista e Francesco Fronza; Battista e Costante Pissetta; Mansueto Cristofolini, Antônio e Giuseppe Tambosi; Giovanni Rigo; Ermenegildo Manfrini; Antônio Pegorette; Francesco Pandini; Domênico Scoz; Nicoló Sardagna; Erminio Meneghelli; Giovanni Scoz; Domênico Ochner; Giuseppe e Giosué Fiamoncini; Pietro Zridi; Giácomo Furlani; Antônio, Domênico e Battista Pasqualini; Antônio Lunelli; Giovanni Dematé; Carlos Depiné; Valentino Fruet; Pietro Raiser; Candido Pintarelli; Domênico Adami; etc.

No ano de 1876, partiram da Alta Itália, principalmente das comunas de Gênova, Milão, Verona, Veneza, novos imigrantes que vieram povoar as picadas denominadas SÃO PAULO, atualmente Ascurra, GUARICANAS, SÃO PEDRINHO.

Os principais chefes desta leva de imigrantes foram os seguintes: Carlo Venturi, Franciso e Giacinto Scottini, Giuseppe Mora, Ottorino Morastoni, Carlo Avosani e Giuseppe Cani.

No ano de 1878, outra turma, oriunda da Alta Italia, veio para estas paragens, procurando penetrar nos ínvios sertões de Lontra e Subida.

Devido, porém, a inumeros contratemplos, entre êstes o iminente perigo dos índios que vagueavam naqueles soturnos, os componentes desta leva abandonaram, a breve trecho, aquelas regiões desfavoráveis e vieram povoar a picada de VALE NUOVA, perto de Rodeio.

Assim sendo, a picada VALE NUOVA, em 1882, registrava os seguintes principais moradores: Pietro Cipriani, Giuseppe Faggiani, Antonio e Luigi Tonnet, Dionisio Destefani, Marco Rigo, e Pasquali Beninca.

Outros primitivos colonos de Lontras e Subida, mudaram-se para diversos lugares, vindo a formar as colonizações de AQUIDABAM e DIAMANTINA.

A colonização foi tomando sempre maior desenvolvimento, a

ponto de, em 1888, já estarem povoadas as terras das localidades de ARAPONGA, de RIO SALTO, RIO BELO, etc.

Mau grado a promissora colônia de Rodeio tomasse maravilhoso incremento, devido á infatigável operosidade dos seus habitantes, as vias de comunicação com Timbó, Indaial e Blumenau eram altamente precárias.

Nos primeiros cinco anos, o caminho, praticável sómente para pedestres e cavaleiros, era a picada, atalho estreito e rudimentar através do mato.

As viagens para aquêles três pontos de comércio eram penosas, ao mesmo tempo, acidentadas, perigosas, devido a animais ferozes, a réptis venenosos, a índios selvagens.

Todavia, as condições de transporte foram melhorando paulatinamente. Para atingir, com mais eficiência, esta importante finalidade para o progresso de Rodeio, organizou-se, em 1880, uma comissão, dirigida pelo benemérito senhor Eugenio Uber, com o escopo de alargar as primitivas picadas, a ponto de torná-las praticáveis por veículos.

Dentro de dois anos, Rodeio era ligado com os pontos de comércio por uma estrada de quatro a cinco metros de largura, atingindo o Rio Itajaí, sôbre o qual se construiu uma balsa, para transporte de passageiros e mercadorias.

Levada a bom termo esta significativa empreitada a bem do adiantamento de Rodeio, poude-se dar início em 1882, ao alargamento da picada que conduzia ás colonizações de SÃO PEDRINHO e VALE NUOVA. Em breve lapso de tempo, também esta via de comunicação era franqueada ao público.

Ligado por boas estradas entre si e com maiores mercados, Rodeio caminhava, a passos agigantados, para o progresso material e econômico.

Pobres em haveres materiais, mas ricos em fé cristã, os primeiros colonizadores de Rodeio, emigrados de terras, onde abundavam os templos e as escolas, com vida religiosa perfeitamente organizada, sentiam dolorosamente, nos primeiros anos a quase total escassez do culto divino, consubstanciado na celebração do augusto Sacrificio da Missa e na recepção dos Santos Sacramentos.

Naqueles tempos primitivos, o padre residencial mais próximo podia ser encontrado em Joinville ou em Itajaí. A própria sede da colonização, Blumenau, pussuia tão sómente uma capela provisória, visitada do ano de 1869 ao ano de 1872, pelo sacerdote Guilherme Römer, o qual, ao mesmo tempo, administrava uma capela em Rio Morto, perto de Indaial.

Nos anos de 1874 a 1876, o então vigário de Joinville, o reverendíssimo padre Carlos Boegershausen, visitou sete vêzes as capelas

de Blumenau, Encano e Rio-Morto.

Era o Padre Carlos Boegershausen um pároco extremamente zeloso, ativo e apostólico, muito estimado nas esferas eclesiásticas. De reconhecida austeridade, de rara influência social, de alta cotação junto à autoridade diocesana, esta costumada encaminhar para êle os sacerdotes seculares vindos da Germânia e destinados às colonizações teutônicas, para que êle os enviasse a destinos apropriados, nas colônias sul-brasileiras, de origem germânica.

Foi também o Padre Carlos Boegershausen quem doou os terrenos para a construção da Santa Casa, de Joinvile, terrenos êsses onde ele está enterrado.

Foi o Padre Carlos, quem batizou, em Blumenau, os primeiros filhos, nascidos no Brazil, dos primitivos colonizadores de Rodeio, como por exemplo, a 19 de setembro de 1875, a inocente Teresa, filha de Antônio Beber; a 23 de dezembro de 1875, as inocentes Bárbara, filha de Francisco Pandini, e Celestina, filha de Miguel Anesi; a primeiro de maio de 1876, a inocente Stela, filha de Giovanni Dana; a 4 de maio de 1876, na capela do Rio Morto, o inocente José, filho de Giorgio Sardagna, e a inocente Maria, filha de Guerino Frainer.

A 7 de maio de 1876, vindo de Rio Morto, o Padre Carlos Boegershausen visitou, pela vez primeira, a colônia de Rodeio, celebrando a primeira missa nesta picada, nas casas de Guiseppe Fiamoncini e Giovanni Pacher. Por esta ocasião, foram batizados os inocentes Eurico, filho de Giuseppe Tambosi, Ermenegildo, filho de Erminio Meneghelli, Domênico, filho de Nicóla Tamanini; e Antônio, filho de Clemente Girardi.

A 15 de setembro de 1876, chegou a Blumenau o primeiro vigário residencial na pessoa do reverendissimo Padre José Maria Jacobs, vindo então da América do Norte, embora fôsse de naturalidade alemã.

Ainda em Blumenau, batisou, a 17 de setembro do mesmo ano, a inocente Fêde, filha de Giosué Fiamoncini, partindo, em seguida, em visita às capelas filiais, chegando a Rodeio em dois de outubro, sendo batizados, nesta ocasião, as inocentes Leone Depiné, Maria Vicenzi, Luigia Battisti, Emma Uler e Catarina Stiz.

Continuando viagem, inspecionou o Padre Jacobs, no mesmo mês, as colônias de Cedros, Pomeranos e Caminho Tirolês. Em 24 de novembro de 1876, tornou a Rodeio, fazendo os seguintes batizados: Maria Bridi e Germano Cristofolini.

Conforme rezam as informações fidedignas, recaira nesta época a construção da capela provisória de Rodeio, em terreno doado por Giuseppe Bonvecchio, assim como das capelas de São Vigilio e de Santo Antônio.

O ano de 1877 registra duas visitas á capela provisória de

Rodeio. A primeira realizou-se em 24 de maio e 25, havendo 16 batizados, a segunda, em 23 de outubro, havendo 27 batizados.

Durante o ano de 1878, a colônia de Rodeio, foi visitada por sacerdotes quatro vezes. A primeira, em 19 de fevereiro, com quatro batizados. A segunda, pelo padre jesuíta João Cibêo, de Nova Trento, com cinco batizados, levada a efeito a 28 de março. Na terceira, em 23 de julho, o reverendíssimo Padre Jacobs, de Blumenau, batizou 25 crianças. Na quarta, a 22 outubro, foram batizados dezoito crianças.

Da mesma maneira, no transcurso do ano de 1879, a capela de Rodeio teve quatro visitas: a 30 de janeiro, a 15 de abril, a 3 de junho e uma mais prolongada em novembro, feita pelos padres jesuitas de Nova Trento, os reverendíssimos João Cibêo e Servanzi.

Para poder receber a benção matrimonial, os primeiros colonos de Rodeio tiveram de procurar o pároco respectivo, em Blumenau.

Embora a viagem fôsse dispendiosa e incômoda para os noivos, nenhum colono de Rodeio deixou de contrair nupcias em face da Igreja, mau grado as dificuldades da viagem, os sacrifícios, a distância e as intempéries. Tanto assim, que todos os lares, naqueles tempos, foram legitimamente constituídos no fôro eclesiástico.

O padre Carlos Boergershausen, a dois de outubro de 1875, assistiu ao casamento de Antônio Fronza e Lorenza Giácomo; de Gaspar Berri e Madalena Tomelin. A 26 de dezembro de 1875, de Mansueto Rosa e Ercilia Federici; de Giovanni Fachini e Elvira Perger; de Pietro Bridi e Catarina Fronza.

O vigário José Maria Jacobs deu as benções nupciais, em Blumenau, no ano de 1876, a 11 de novembro, aos noivos Domênico Bertoldi e Margarida Fiamoncini, e durante o ano de 1877, assistiu a sete casamentos, provenientes de Rodeio.

O mesmo pároco assistiu em Blumenau, no volver de 1878, ao casamento dos seguintes nubentes: Dionisio Destéfani e Maria Girardi; Giacinto Gadotti e Barbara Sévegnani; Nicola Moser e Massimina Fiamoncini; Candido Pintarelli e Orsola Fadanelli; Giuseppe Tambosi e Virginia Moser, e em 1879, a mais três casamentos, oriundos da colônia de Rodeio. No correr dos anos de 1879 e 1892, a capela de Rodeio, declarada pelo vigário Padre Jacobs, capela central assim como a do Rio dos Cedros, foi visitada regularmente quatro vezes por ano.

A causa primordial desta relativa escassez de visitas, considerado o constante e rápido desenvolvimento da colônia, deverá ser procurada na cruciante penúria de ministros do altar.

O vigário de Blumenau devia repartir, equitativamente, seus serviços, na zona banhada pelo rio Itajaí e seus afluentes, ás novas capelas que iam surgindo em tôda parte, assim como, por exemplo, em

Têsto, Indaial, Warnov, São Paulo, Guaricanas, Aquidaban, Subida, Lontras, Trombudo, Pomeranos e outras mais. Para essa imensa tarefa havia um pároco só, o de Blumenau, o qual, por vários meses, teve um coadjutor, na pessoa do Padre Drewitz. Nem o auxílio valioso dos padres jesuítas de Nova Trento, entre êles os padres Cibêo, Servanzi e Rocchi, não resolvia satisfatôriamente a grave situação religiosa, surgida na colônia de Rodeio, onde o padre Cibêo administrou, pela vez primeira, em 1883, o sacramento da Crisma.

Nesta dura emergência religiosa, os Franciscanos deveriam preencher uma grande lacuna, como veremos pròximamente.

Para avaliar, devidamente, a influência franciscana no Estado de Santa Catarina, em geral, e em Rodeio, em particular convém fazer um retrospecto sumário do maravilhoso desenvolvimento da hierarquia e, concomitantemente, da vida religiosa, no Brasil.

Foi por bula de vinte e cinco de fevereiro de 1551, por instância de Dom João III, rei de Portugal, que a Santa Sé criou o primeiro bispado no vastíssimo território do Brasil, com sede em São Salvador, na Bahia.

De 1551 a 1941, e hierarquia eclesiástica brasileira em trezentos e noventa anos, desenvolveu-se prodigiosamente, representada, no momento atual, por mais de cem bispos, fora algumas prelazias. (*)

Até o ano de 1895, o Estado de Santa Catarina, estava sob a jurisdição do arcebispo do Rio de Janeiro, embora os Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, mais pròximos, tivessem seus bispos.

Em 1895, foi ereta a diocese de Curitiba, à qual ficou agregado o Estado de Santa Catarina. O primeiro ordinário de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, visitou, em agôsto de 1895, a vila de Blumenau. A 15 de setembro de 1902, fez sua visita pastoral à colônia de Rodeio, administrando a crisma a novecentas pessoas.

Em 1929, foi criado o bispado de Joinville, ao qual na hora presente, está pertencendo Rodeio.

Em 1908, o Estado de Santa Catarina teve seu primeiro bispado, com sede em Florianópolis, na pessoa de Dom João Becker.

Vergado ao peso da idade, alquebrado por moléstias, o encahecido vigário de Blumenau, José Maria Jacobs, via-se impossibilitado de percorrer a extensíssima freguezia. Impellido pela necessidade, ou melhor inspirado pela Providência, convidou os Padres Franciscanos para visitar as capelas, e mediante a devida licença, administrar também o santo sacramento da crisma.

Para esta honrosa finalidade, foram destacados, em março de

(*) - Isto foi escrito em 1941.

1892, os reverendíssimos Frei Amando Bahlmann, e Frei Lucínio Korte. Enquanto o reverendíssimo Frei Amando teve por pouco tempo trabalhando na paróquia de Blumenau, Frei Lucínio Korte, veio a desempenhar papel importantíssimo na constituição religiosa de Rodeio, por dilatados anos.

A reiteradas insistências do vigário de Blumenau e aconselhado pelos padres jesuítas de Nova Trento, os franciscanos resolveram assumir a administração total da freguezia de Blumenau.

Assim, com a prévia licença do arcebispo do Rio de Janeiro, a 22 de maio de 1892, os franciscanos tomaram solenemente posse da paróquia de Blumenau, à qual pertencia a colônia de Rodeio.

O benemérito Padre Jacobs, entregando a freguezia, quis regressar a seu torrão natal. De viagem para a Alemanha, aportando no Rio de Janeiro, ali mesmo foi vitimado pela morte, deixando contudo perene memória nos anais da paróquia de Blumenau, que pastoreou por longo tempo, com zelo e dedicação excepcionais.

Fixando os franciscanos residência em Blumenau, podia a colônia de Rodeio, que dista uns cincoenta quilômetros, ser frequentada mais a miudo. A breve trecho, um padre franciscano permanecia quase habitualmente em Rodeio, para a cura das almas, que iam aumentando vertiginosamente.

Sendo a capela provisória de madeira e em estado precário, insuficiente para a população, cogitou-se logo em construir outra, de alvenaria, mais espaçosa, em terrenos doados pelos senhores Valentino Fruet e Leonardo Scoz.

Foi executada uma construção de dois andares, que servia como moradia para os sacerdotes, como escola e como capela. Metidos os ombros à obra sem delongas, o edifício, vistoso e grande, pode ser benzido e solenemente inaugurado a 16 de abril de 1893, com enorme júbilo dos rodeienses, os quais tratavam imediatamente de mandar seus filhos àquela escola.

A matrícula da escola atingiu o número de 150 alunos, sendo o primeiro mestre-escola o irmão leigo Frei Germano Munsick, O. F. M., falecido em Rodeio, a 30 de Junho de 1906, e ali mesmo enterrado.

No volver de 1893, os moradores de São Vigilio e Santo Antônio começaram também a erigir uma própria capela, a qual serviria, outrossim, para escola provisória.

Em 1895, a Província franciscana sul-brasileira fundou, em Rodeio, uma residência, ficando estacionados dois sacerdotes e dois irmãos leigos. Este acontecimento motivou a edificação de uma casa anexa, com alguns quartos, um refeitório modestíssimo, e uma capelinha

para o Santíssimo.

As necessidades religiosas da colônia sempre mais prementes, reclamavam, entretanto, uma igreja de maiores proporções, a qual, segundo o projeto esboçado, mediria 35 metros de comprimento por 15 metros de largura.

Para êsse fim, foi preciso fazer um desatêrro; transferir o cemitério; e aduzir água encanada suficiente, provida de uma nascente na montanha, aproximadamente 700 metros distante, e cuja canalização custou, naquele tempo, 2:400\$000.

De fato, a 11 de outubro de 1897, foi dada a primeira picaretada para abertura dos alicerces, que foram, posteriormente, executados pelos mestres de obras Giosué Fiamoncini e Nicola Moser.

Lançadas as bases, foi colocada na bôca do futuro presbitério, a 2 de fevereiro de 1898, a pedra fundamental do templo, com enorme assistência popular. Daí em diante, estava em serviço permanente nas obras seis hábeis pedreiros. Tanto assim, que pelo fim do ano já estava coberto e rebocado por fora o belo templo.

Através o ano de 1899, levaram-se a bom termo os serviços no interior da igreja, a saber, pintura, altares, bancos, púlpito, confessionários, de modo que, a 4 de junho de 1899, pôde ser benta, com extraordinária solenidade, a nova igreja, que se ergue, convidativa, no alto de uma colina. O bom povo de Rodeio contribuiu, generosamente, com mão de obra gratuita, com madeiramentos, a ponto que, naquela época, ter-se despendido na confecção da espaçosa igreja, a soma de apenas 34:586\$000, fora os sinos da tôrre, ultimada sòmente em 1902, com 27 metros de altura; fora 4 imagens; harmônio e órgão, avaliados, englobadamente, naquele tempo, em onze contos de réis (11:000\$000).

Anexo ao templo, foi construído, paulatinamente, um pequeno convento, com nove metros de frente, inaugurado a quatro de outubro de 1899, com quatro sacerdotes e três irmãos leigos.

Levantada a ampla igreja que: juntamente com o convento fôra dedicada ao ínclito Patriarca São Francisco de Assis; finalizados os os trabalhos materiais de maior urgência, pôde-se incentivar, com mais afinco, a vida espiritual do bom povo de Rodeio.

A ocasião era sumamente propícia para um renovamento religioso. Pois, ocorria o volver do século, tendo proclamado o imortal papa Leão XIII o ano santo.

Para comemorar piedosamente êsse jubileu, pregou-se, no templo local e nas capelas vizinhas, uma proficientíssima missão, pelo decorrer do ano de 1900.

A situação pitoresca, a magna quietude do simpático conven-

to de Rodeio chamou logo a especial atenção da diretoria da Província da Imaculada Conceição que, acertadamente, transferiu o noviciado da Ordem, em 1901, para Rodeio.

Esta circunstância de relêvo impôs radicais modificações no primitivo conventozinho que, sucessivamente, em face do considerável aumento de vocações, foi grandemente ampliado, o que sucedeu em diferentes épocas, em 1902, em 1913, em 1928, ficando adaptado a abrigar uns oitenta religiosos, sendo que, em 1928, foi prolongado o presbitério por seis metros.

De progresso em progresso religioso, a próspera colônia chamou sôbre si, também, as vistas da autoridade diocesana que elevou, a oito de julho de 1900, Rodeio à categoria de paróquia que se estendia então até ao Rio do Sul e Hansa Humboldt de Jaraguá, num diâmetro de 170 quilômetros, com 17 capelas filiais maiores, território êsse, posteriormente, desmembrado para várias outras freguesias.

Nesta resenha cabem perfeitamente umas notas a respeito dos iminentes perigos, oriundos dos selvícolas que, então, ainda vagueavam nas matas, pondo em sobressalto não só pacatos colonos, mas também os próprios missionários franciscanos.

Vendo-se os selvagens sempre mais rechassados pelo desenvolvimento crescente da colonização, assaltavam, não raro, a população isolada, causando estragos materiais e até vitimas pessoais.

Embora detidos enêrgicamente pelos «caçadores de Bugres», mantidos pela autoridade civil, os índios bravos, ainda assim, fizeram, dentro dos limites paroquiais, de 1889 a 1902, quinze assaltos. Em 1889, invadiram, outrossim, SÃO PEDRINHO e IPIRANGA; RIO HERTA, em 1894, causando três mortes e JOSEFINA, com uma morte; SÃO PAULO e GUARICANAS, com duas mortes, em 1895; SUBIDA e LONTRAS, com novamente IPIRANGA, com três mortes.

Em três de abril de 1904, foi fundado o jornal L'AMICO, com redação e administração no convento franciscano, de Rodeio. O intrepido hebdomadário, legítimo porta-voz da freguezia e arauto da colônia sustentou-se varonilmente até 1917, quando, esmagado pelas dificuldades de toda espécie, suspendeu sua publicação, com grande pesar da população.

Um importante fator de progresso religioso constituiu, sem dúvida, o estabelecimento, em Rodeio, de uma residência das beneméritas Irmãs da Divina Providência, o que ocorreu em 16 de julho de 1905, dedicando-se as Irmãs à instrução da infância e à cura dos doentes.

Foi tão promissor o desenvolvimento religioso de Rodeio que o próprio Nuncio Apostólico, acreditado junto ao governo brasileiro, sua

excelência reverendíssima Monsenhor Júlio Tonti, em excursão ao Estado de Santa Catarina, visitou também Rodeio, em data de 22 de julho de 1906.

Em 1909, realizou-se o primeiro congresso local da venerável Ordem Terceira, reunindo-se, então, na capela de São Vigílio, duzentos e cinquenta terceiros, de ambos os sexos.

As vocações sacerdotais e religiosas são, por via normal, o termômetro da vida cristã. Numerosíssimas foram as vocações sacerdotais que no correr dos tempos surgiram das plagas abençoadas de Rodeio e vizinhanças. Tanto assim que, já a 16 de janeiro de 1911, dois filhos de Rodeio, Frei Justino Girardi e Norberto Tambosi, puderam celebrar sua missa nova, no torrão natal; em 1918, Frei Calisto Fruet; em 1 e 2 de fevereiro de 1919, Frei Atanásio Furlani, Frei Benvindo Des-téfani e Frei Clemente Tambosi. Até à data presente, treze filhos de Rodeio foram ordenados sacerdotes, sendo considerável o número dos que para isso estão se preparando nos educandários seráficos.

Em rápido esboço fica registrado, nestas despretenciosas linhas, o ingente e fecundo apostolado, realizado a go'pes de grandes sacrificios, de imensas canseiras, de extraordinárias fadigas, dos padres franciscanos, em prol de Rodeio que, por sua vez, guardará do filhos de São Francisco, grata e perene memória, que os anos não apagarão.

Originariamente chamava-se RODEIO o pequeno rio que nasce perto da atual capela São Vigílio e que desemboca, após inúmeras curvas, no rio Benedito, nas redondezas de Timbó.

Partindo a colonização de Timbó, ao longo do ribeirão Rodeio, os primitivos colonos denominaram todo o traçado de PICADA DO RODEIO.

Topograficamente falando, a atual CIDADE de Rodeio fica às margens do rio São Pedrinho. Ainda assim, o nome de Rodeio tem sua significação natural. Porque, quem se dirige de Timbó a Diamante fará um Rodeio, percorrerá um semi-círculo, dará uma meia volta.

O que preocupava primordialmente os colonizadores de Rodeio era a instrução da infância e da juventude.

Sabe-se de fontes autorizadas que desde 1880, funcionavam nas capelas provisórias também escolas primárias, nas quais, colonos mais intruidos davam aulas aos filhos dos colonos.

Assim por exemplo, ensinavam na capela central de Rodeio às primeiras letras o infatigável pioneiro da religião, Valentino Fruet, um verdadeiro símbolo de dedicação religiosa, cuja memória será sempre lembrada com respeito e veneração pelas gerações rodeienses. Após Valentino Fruet, foram mestres-escola Giovanni Fava, o irmão leigo Frei Germano Wunsick, O. F. M., e Virgílio Campestrini. Este, até à chegada das Irmãs

da Divina Providência, as quais assumiram a escola paroquial.

Na capela de São Vigílio ensinaram sucessivamente: Vimercati, senhora Ropelato, Savério Bogo e Giuseppe Sevegnani até a vinda das «Catequistas», associação religiosa adrede fundada, em Rodeio, pelo reverendíssimo frei Policarpo Schuhen, em 1915.

Na capela de Santo Antônio, ensinavam os rudimentos escolares os senhores Giuseppe Zanluca, Sevegnani e Adolfo Negherbon, até à chegada das mencionadas «catequistas», que tiveram em muitos lugares boa acolhida.

Ao progresso material, espiritual e econômico de Rodeio, correspondeu também o desenvolvimento político e social.

A 1 de janeiro de 1911, Rodeio teve comunicação com a estrada de Ferro Santa Catarina pela elação de uma «Parada», em Diamante, a qual passou, em 15 de dezembro de 1918, a ser estação ferroviária autônoma.

Até 1919, Rodeio dependia do distrito de Indaial.

A 17 de Setembro, porém, com ruidosa solenidade da população foi elevado à categoria de distrito.

Em 1919, foi inaugurada em Vale Nuova, a usina elétrica, que forneceu luz e força a Rodeio até aos fins de 1930, quando foi aduzida a energia elétrica proveniente de Salto-Blumenau.

A agência postal, anteriormente instalada, foi enriquecida, em 5 de outubro de 1924, por uma estação telefônica-telegráfica. Em 1925, foi solenemente festejado o cinquentenário da vinda a Rodeio dos primeiros colonizadores. Em 1929, foi estabelecido o «Tiro-Militar». Em 1930, foi brilhantemente inaugurado, em Rodeio, o Hospital «São Roque». Anteriormente, isto é, no ano de 1924, para maior comodidade dos contribuintes, foi oficialmente instalada, em Rodeio, a coletoria estadual. Sob ruidosos festejos populares, visto seu constante progresso econômico o futuro distrito de Rodeio foi declarado legalmente município no ano de 1938.

Ficariam, por certo, incompletas estas notas históricas, se não destacássemos a relevante importância que teve Rodeio, quando plenamente formado e constituído. Desenvolvendo-se consideravelmente, a colônia de Rodeio deveria expandir-se, em procura de «ESPAÇO VITAL», para a sua prolifera população. Assim sendo, a crescente população rodeiense procurou, desde cedo novas possibilidades de localização de filhos de Rodeio. Sob a clarividente orientação de Frei Lucínio Korte, denominado, com muita razão, «o pai espiritual de Rodeio», vários colonos imigraram para outras terras, novas e férteis. Entre outros, merece especial menção colono rodeiense Luiz Bértoli, que chefiou uma imigração de vastas proporções para os lugares denominados Rio do Sul, Rio d'Oeste, Taió, etc., onde colonos de Rodeio encontraram um futuro próspero e feliz.

— MÂNCIO COSTA —

O destino tem certos caprichos que a gente, por mais que queira, não entende. E é bom mesmo que não se entenda.

O intelectual e acadêmico Mâncio Costa, teve o fim da sua longa e preciosa existência assinalado por um acontecimento que dá muito que pensar e de que os espiritualistas poderão tirar conclusões as mais variadas e profundas. Um acontecimento, também, muito grato ao coração dos blumenauenses, pelas tocantes circunstâncias de que se revestiu. Mâncio Costa nasceu na antiga Destêrro, a 15 de fevereiro de 1886, como o último dos filhos do armador Wenceslau Martins da Costa e de sua espôsa Carolina. Completados os primeiros estudos na terra natal, Mâncio Costa foi para o Rio de Janeiro, para matricular-se na faculdade de Medicina. Isso em 1907.

Acometido de pertinaz enfermidade, Mâncio abandonou o curso, já no quinto ano, e regressou a S. Catarina. Passa algum tempo respirando os bons ares de S. Joaquim e, sentindo-se recuperado, volta a Florianópolis onde ingressa na vida política. Já então era conhecido como poeta e escritor, com respeitável bagagem literária, quase tôda ainda inédita.

Em 1918, participa do govêrno Hercílio Luz como seu secretário particular. No ano seguinte, é eleito substituto do Superintendente de Florianópolis, chegando a substituir, em ausências, o titular do cargo, João Pedro de Oliveira Carvalho.

Em 1922, foi eleito deputado à Assembléia Estadual e, quatro anos depois, o Governador Adolfo Konder chama Mâncio Costa para a Diretoria de Instrução Pública. Desentendimentos com o governador, obrigam-no a afastar-se do govêrno e da política. Mas, com a revolução de 1930, ainda dirigiu a Imprensa Oficial, cargo que deixou para dedicar-se exclusivamente ao magistério, às letras e aos seus estudos. Foi professor catedrático de português e ciências no Instituto «Dias Velho», diretor da Escola Normal e um dos fundadores da Faculdade de Farmácia, hoje integrada na Universidade florianopolitana. Dedicou-se muito às ciências físicas, com estudos sôbre astronomia, participando, em 1948, do Congresso Mundial de Astronomia.

Foi teatrólogo, escrevendo algumas peças de sucesso, como «Seu Jéca quer casar» e «Flor da Roça», um musical de parceria com Álvaro Ramos que foi representado, com ruidosos, aplausos em P. Alegre.

Entre as suas obras impressas contam-se, além de poesias e artigos de imprensa, «A Psicologia na Obra de Danunzio» e «A Química de Os Lusíadas». Foi membro fundador da Academia Catarinense de Letras, ocupando a Cadeira nº 25.

Pois bem.

Esse admirável e ilustre acadêmico, nos últimos meses da sua

vida, vinha manifestando constantes desejos de conhecer a cidade de Blumenau. E não se cansava de fazer projetos de tirar algumas horas para concretizar o seu sonho, já constituído em quase constante preocupação.

A família, vendo-o ainda forte, apesar dos seus 85 anos bem vividos, e capaz de suportar bem o trajeto da capital do Estado ao Vale do Itajaí, resolveu fazer-lhe a vontade.

E no dia 10 de junho dêste ano, tomou êle lugar num automóvel e, juntamente com parentes seus, rumou para a cidade que tanto ansiava visitar.

Aqui chegou, depois de pouco mais de uma hora de viagem. O carro deu algumas voltas pelas ruas de Blumenau para que Mâncio Costa tivesse desta uma visão tão completa quando possível num passeio assim ligeiro.

O acadêmico mostrava-se deslumbrado, como criança diante de um sonhado brinquedo, diante do maravilhoso quadro que Blumenau lhe oferecia, com a sua moldura de matas verdejantes, o seu rio pinturesco, banhados pelo sol de um lindo dia, movimentado e alegre.

Mas, antes mesmo de completar as voltas projetadas, Mâncio Costa, de tão emocionado, começou a sentir-se mal.

Levado, incontinentemente, ao Hospital Santa Isabel, Mâncio Costa ali chegou já sem vida.

Predestinação? Acaso?

Fôsse que fôsse. O fato é que Blumenau ficou impresso na retina sem vida do grande acadêmico e Blumenau lhe ficou devendo uma prova de extraordinária admiração e de estima, que não poderá ficar esquecida.

Nós, os de «Blumenau em Cadernos» vamos encaminhar à colenda Câmara de Vereadores desta cidade sugestão no sentido de que seja dado o nome do intelectual desaparecido a um dos logradouros público urbanos.

Assim, Mâncio Costa, que só conseguiu ter uma visão muito rápida da cidade que, por muitos anos vinha sonhando conhecer, ficará, aqui, para sempre, na lembrança dos blumenauenses.

Uma homenagem, sem dúvida bem justa e bem merecida a quem tanto quis e amou Blumenau.



A Capitania de Santa Catarina foi criada pela Carta Régia de 11 de agosto de 1738. Foi seu primeiro governador o Brigadeiro José da Silva Paes, que recebeu o governo do chefe da Guarnição Militar que ali havia desde o ano anterior, Capitão Antônio de Oliveira Bastos.

Electro Aço

Altona S.A.

Rua Eng^o. Paul Werner, 925 - Fones: 22-0422 e 22-0738

Caixa Postal, 30 — Telegrs.: "ELAÇO"

BLUMENAU

Fundição Elétrica De Aços Comuns E Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem

de Terraplenagem

Reposição e de Manutenção

Batalhões Rodo-Ferrovários

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE

Indústria Têxtil
Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - BRASIL

Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal, Nº. 2
Telegr.: «TRICOT»

HERING

Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a
Grandeza do Brasil
em seu Comércio
e Indústria